RASTROS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINHA COMO PRODUTO E PROLONGAMENTO DO MOVIMENTO HUMANO

Elisa Rocha Bueno[1]
FAAC/UNESP
Joedy Luciana Barros Marins Bamonte[2]
FAAC/UNESP

RESUMO
O estudo tem como objetivo apresentar os conceitos que nortearam a realização da obra têxtil *Rastros* (2024). Para tanto, será apontada a base teórica a partir da qual se desenvolveu a poética do trabalho, a qual consiste nas propostas apresentadas pelo antropólogo Tim Ingold em seu livro *Linhas: uma breve história*. São expostas as noções qualificantes da linha no que diz respeito a sua produção pelos seres humanos na ação do movimento, em particular, o deslocamento e o modo como se manifestam em *Rastros* (2024). Também são detalhados os sentidos atribuídos por Ingold às oposições "andarilhar" *versus* transportar e habitar *versus* ocupar, bem como sua relação com a obra têxtil em questão. A pesquisa oferece uma narrativa de interlocução entre antropologia e arte têxtil, no que tange o processo de criação, por meio da linha enquanto elemento em comum.

PALAVRAS-CHAVE
Linhas. Bordado. Processo de criação.

1. Introdução

O presente texto aborda o anteparo conceitual da obra Rastros (2024), realizado pela autora (Imagem 1). O trabalho teve como ponto de partida as propostas apresentadas pelo antropólogo Tim Ingold em seu livro *Linhas: uma breve história* (2022), no qual o autor desenvolve sua teoria acerca da natureza das linhas. Estas se caracterizam por serem elementos polivalentes, podendo ser materialmente concretas ou abstrações conceituais – tais como linhas de pesca ou fronteiras entre territórios (representadas por linhas virtuais). As linhas estariam, então, por toda parte: nos contornos, contrastes, grafismos, objetos, fragmentos (rachaduras), etc, as quais são resultados da ação da natureza – como a capilarização fulgurosa de um raio pelo céu – e

[1] Mestranda em Design no Programa de Pós-graduação em Design da UNESP, campus de Bauru. Especialista em Design de Superfície (UFSM, 2019). Membro do grAVA. Email: er.bueno@unesp.br Lattes: http://lattes.cnpq.br/9596202818430009
[2] Bacharel em Artes Plásticas (Mackenzie); mestre em Comunicação e Poéticas Visuais (UNESP); doutora em Ciências da Comunicação (USP/ECA); pós-doutora em Pintura (FBAUL/Portugal). Artista visual; docente do Curso de Artes Visuais (DARG) e do Programa de Pós-graduação em Design (FAAC/UNESP). Líder do Grupo de Pesquisas Poéticas em Artes Visuais (grAVA). e-mail: joedy.bamonte@unesp.br. ORCID: https://orcid.org/0000- 0002-9519-624X Lattes: http://lattes.cnpq.br/3926126789184059

igualmente produzidas pelo ser humano. Um exemplo disso seriam as linhas descritas por gestos e movimentos das mãos quando acompanham a fala (Ingold, 2022). Sendo invisíveis, efêmeras e voláteis, para fixar tais linhas é preciso que haja um suporte ou mecanismo de registro, a exemplo do solo lamacento polvilhado de pegadas ou o vídeo que captura as piruetas da bailarina.



Imagem 1. *Rastros* (2024). Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ao considerar, especificamente, as linhas resultantes de deslocamentos por uma dada área, Ingold identifica dois tipos essenciais: as linhas que “saem para dar uma volta” e as linhas de transporte (Ingold, 2022). A primeira categoria se refere a um movimento integrado à experiência de vida ativa - o caminhar – ou ainda, nas palavras do autor, “andarilhar”, que não seria uma atividade puramente objetiva, pré-determinada, não se tratando de uma superação de distância-obstáculo, mas sim do encadeamento dos passos, hesitações, pequenos ou grandes desvios – onde se perder está integrado à experiência como um todo. As linhas de transporte, por sua vez, seriam representadas pela conexão entre pontos dispostos em fileira. Tratam-se de linhas em que está ausente a interferência do meio sob aquele em movimento – o campo exploratório do movente se limita ao ponto no qual chega e do qual irá partir em direção a outro ponto. São linhas surdas à melancolia do pôr-do-sol não previsto. Não permitem desvios. Abominam rotas enviesadas.

As linhas de transporte estão emparelhadas à abordagem moderna perante o mundo, segundo a qual o avanço, a tecnologia e a soberania da razão esmagam as pequenas deformações e assimetrias da vida - tal qual produtos defeituosos descartados da esteira de produção em série. As linhas “que saem para dar uma volta”, por outro lado, acolhem e se constituem na incerteza. Ampliam aquele que caminha a cada passo



dado. Como o caracol que deixa em sua passagem um rastro mucoso, os seres humanos sobrescrevem ao solo sua infindável sequência de decisões, incorporada na virtualidade de uma linha-traço. Exsudada por nosso movimento incessante, essa linha contínua registra nosso deslocamento, revelando zonas de atividade mais intensa em oposição àquelas menos ativas ou mesmo eventuais.

Nessas zonas estão a casa, o trabalho, o clube, o parque, o estádio, o museu, o aeroporto, as outras casas. Em regiões como estas, identifica-se o entrelaçamento de linhas independentes que, por se enredarem, sofrem alterações. Como ser social, o ser humano tem sua formação pautada por modelos exteriores, os quais são paulatinamente interiorizados no processo civilizatório. Aqui, surge a imagem da trilha – um caminho a seguir em meio à mata cerrada. De forma análoga, “seguir os passos de alguém” indica algum amparo na condução de escolhas de um indivíduo. Assim, as linhas convergem, enroscam-se, permanecem unidas ou se apartam.

Em *Rastros*, as linhas de movimento-deslocamento se tornam visíveis, ainda que de maneira discreta, dado que estão bordadas na mesma cor do tecido base. Tal recurso foi utilizado na intenção de apreender concretamente as linhas-deslocamento sem deixar de aludir ao seu caráter virtual. Inicialmente, no processo de feitura da peça, os rastros representados pelas linhas seriam feitos em azul-marinho, entretanto, para alcançar o efeito etéreo desejado, concluiu-se que o recurso “tom sobre tom” seria mais adequado. Esta percepção só foi possível mediante o trabalho de fato, ou seja, o ato de bordar e a observação dos materiais disponíveis, tendo como guia a ideia norteadora das linhas de movimento-deslocamento. Tal vivência reflete o pensamento de Salles (2011) acerca do processo de criação artístico pautado no constante diálogo entre autor e a obra em construção.

A obra foi confeccionada em duas peças de crepe sintético azul-claro nas medidas de setenta centímetros de largura por oitenta centímetros de altura. Sobre sua superfície estão dispostos retângulos de tamanhos diversos, vazados na técnica de apliquê reverso. No interior dos retângulos, boiam unidades de fachada distintas, bordadas em linha de costura cem por cento poliéster na cor azul-marinho (Imagem 2). Os retângulos estão dispostos aleatoriamente, ou seja, não estão alinhados e tampouco sua localização é ordenada segundo uma grade. Fazem alusão aos terrenos nos quais as casas são erigidas – de caráter não tão íntimo quanto o das casas em si, mas já demarcando uma individualização espacial que os diferencia dos trechos de tecido duplo, “públicos”.



Imagem 2. Retângulos vazados em apliquê reverso e fachadas bordadas. Fonte: Acervo pessoal da autora.

As linhas interferem na neutralidade da superfície e, de certa forma a compõem, diferenciando-a, concedendo-lhe particularidades complexas – resultado da confluência entre fluxos decisórios independentes, porém avizinhados. Esta é uma interpretação do que Ingold defende como a ação de “habitar” em oposição a de “ocupar” (Ingold, 2022). Um território habitado é um território vivo na medida em que “cresce” e se desenvolve, não em termos de metragem, mas no sentido de acumular significados nascidos das relações que nele tomam lugar, sejam elas prosaicas, sagradas ou profanas.

Em *Rastros*, os habitantes da obra se tornam presentes por meio da malha resultante do emaranhado de suas linhas-movimento. Esta malha pode ser entendida como uma segunda “pele”, que adere ao chão e modula o caráter do solo – impessoal e arcaico, ligado a uma qualidade extra-humana característica da natureza interpretada como oposta à cultura. Uma malha virtual, mas que corporifica algo que poderia ser chamado de humanização do espaço. De fato, é um corpo em construção, simétrico à dinâmica coletiva que, por sua vez, é fiada a partir de processos individuais e subjetivos.

Em contrapartida, “ocupar” pressupõe não considerar a legitimidade do território. Ainda que seja terreno não explorado pela ação humana, outras malhas podem ser identificadas: ecossistemas mais ou menos densos, dependendo das condições climáticas e topográficas. Apreciar a malha prévia é, neste sentido, preservar a vida, enquanto o ato de ignorá-la inevitavelmente levará a algum tipo de violação. Não à toa, processos colonizadores tiveram como objetivo ocupar em lugar de habitar e, de modo geral, implicaram em destroçar as malhas nativas, rompendo com os meandros precedentes e impondo modelos exógenos, formados fora do contexto dos territórios

ocupados. Se o chão que pisamos é nossa base literal, a malha para a qual contribuímos e pela qual nos orientamos é nossa base simbólica e afetiva. Sua destruição, por sua vez, obviamente acarretaria graves traumas.

2. Poética

A escolha pelo azul-claro teve como objetivo incorporar a qualidade aérea que remete aos grandes espaços imateriais - notadamente o céu - associados à cor. O azul-claro, ou azul bebê, ainda estabelece vínculos com uma infância já distante, esfumada pelo tempo. Representa certa nostalgia melancólica relacionada ao passado - como algo depurado pelo tempo e já livre das turbulências reais e imaginárias - elevado ao status de felicidade imaculada, idealizado, e, portanto, para sempre perdido. As fachadas são pueris, ingênuas, debilmente ancoradas em seus terrenos. Não denotam a solidez das grandes construções - pelo contrário, suas arestas mal aprumadas denunciam a recusa dissimulada em serem inânimes. As casas murmuram.

A malha recobre o espaço público e também o privado. Novelos intrincados forram o piso das casas. Formados pelos trajetos quotidianos que se depositam em camadas, engrossam de espessura ao longo dos anos. A casa é um espaço de habitação por excelência (Bachelard, 2000). Nela, o sujeito habita e, no processo, passa a ser habitado, uma vez que casa e corpo se vão plasmando. Parede-pele, janela-olho, porta-boca, telhas-cabelo. Se os membros anatômicos encontram correspondente nas partes da casa, o ânimo dos habitantes impregna o espaço e dá o “tom” do ambiente: casa fria, casa fresca, casa pesada, casa triste, casa nova, casa velha, casa mal-assombrada. Nos limites de seu perímetro, a casa encerra um microcosmo - um organismo vivo, abarrotado de linhas-movimento. Estas, no entanto, estão interditas aos olhares alheios. Fica à mostra apenas o rosto-fachada, mais, ou menos maquiado.

O uso da linha na mesma cor da base para a bordadura das linhas-movimento permite uma dupla abordagem para *Rastros*. A primeira é por meio da luz que incide sobre o tecido e permite ao olho enxergar com clareza o contraste entre casas bordadas e o fundo. É a luz que reflete e mostra a “face” da obra, ou seja, é a luz que disponibiliza uma apreensão superficial em seu duplo sentido de rasa e exterior. Vemos as fachadas como vemos pessoas de passagem, mistérios em si mesmas, inacessíveis a olho nu. A segunda abordagem é por meio da visualização da obra na contraluz (Imagem 3). A luz que atravessa é a luz que revela. Análoga ao raio x, escancara o circunlóquio das linhas-movimento, assim como deixa à vista os acabamentos do avesso que assomam à superfície: nós, pontas soltas, aglomerados (Imagem 4).



Imagem 3. Obra *Rastros* vista na contraluz. Fonte: Acervo pessoal da autora.



Imagem 4. Acabamentos visíveis na contraluz. Fonte: Acervo pessoal da autora.

3. Considerações finais



Os elementos gráficos e formais, em adição ao suporte e a técnica utilizados na construção de *Rastros*, proporcionam um desdobramento da reflexão iniciada por Ingold (2022) no que diz respeito às linhas. O conceito de “andarilhar” é representado pelas linhas-movimento bordadas no tecido base, enquanto a noção de “habitar” é configurada pelas mesmas linhas somadas aos desenhos das fachadas, que ampliam a discussão ao considerar a estrutura material da casa como um prolongamento do corpo e, portanto, mais um dispositivo de humanização do espaço. A opção pelo tecido e linhas como suporte e a utilização das técnicas artesanais têxteis do bordado e apliquê reverso - além de serem os habituais da autora - reiteram o objeto em questão: a linha.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

INGOLD, Tim. **Linhas: uma breve história**. Petrópolis: Vozes, 2022.

SALLES, Cecília. **Gesto inacabado: processo de criação artístico**. 5ª ed. São Paulo: Intermeios, 2011.